HVMANITAS

[Recensão a] Robinson, T. M. - As origens da alma: os gregos e o conceito de alma de Homero a Aristóteles

Autor(es): Jesus, Carlos A. Martins de

Publicado por: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/23217>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_63_77

Accessed : 26-Apr-2023 14:06:53

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

humanitas

Vol. LXIII
2011

gregas: na p. 94, onde se lê χαρίς, leia-se χάρις. P. 371: onde se lê ανθρωπων, leia-se ανθρωπων. P. 553: onde se lê "Ερωτες, leia-se "Ερωτες e onde se lê σημανα, leia-se σεμνα.

Ao leitor português, alguma estranheza causará a forma sob a qual surgem alguns antropónimos gregos (Agidó, Árion, Cleóbulo, etc. – quando em Portugal diríamos Ágido, Aríon, Cleobulo), pois a regra vigente entre nós de contar para efeitos de acentuação a quantidade da penúltima sílaba não é a seguida no Brasil: de resto, é perfeitamente compreensível que cada país tenha a sua tradição nesta matéria. No entanto, mesmo atendendo a essas diferenças na tradição filológica de cada país, nada justifica que Crisóstomo apareça sob a forma “Crisóstemo” na p. 549.

Para concluir, cumpre frisar de novo a excelência deste magnífico trabalho, que, sem detrimento da sua craveira internacional, honra sobremaneira os Estudos Helénicos no espaço lusófono.

FREDERICO LOURENÇO

ROBINSON, T. M., *As origens da alma. Os gregos e o conceito de alma de Homero a Aristóteles*. São Paulo, Annablume, 2010, 288 pp. ISBN 978-85-391-0087-3.

O estudo que aqui se comenta constituiu o volume inaugural da Coleção *Archai: as origens do pensamento ocidental*, da responsabilidade da Universidade de Brasília, e resulta, como o prefaciador (p. 9) e o próprio A. (pp. 11-12) oportunamente explicam, de oito seminários ministrados pelo último no ano de 2009, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de Brasília, sob a coordenação do Professor Gabriele Cornelli. Ao texto dessas sessões acrescentou o A. uma ainda extensa parte retirada de um seu livro anterior, já clássico *A Psicologia de Platão*, correspondente aos capítulos 3, 5 e 6 do presente volume, dedicados às visões de Sócrates e Platão sobre o conceito de alma.

O livro abre com um capítulo no qual se comentam os primeiros usos do termo *psyche*, respectivamente em Homero e nos filósofos pré-socráticos (Capítulo 1, pp. 15-43), sendo dado grande destaque ao estudo de Heráclito, de quem se analisam mais em detalhe os fragmentos 45, 36, 117, 107, 118, 77, 85, 98, 27 e 115. Segue-se o estudo do conceito em análise no Pitarismo (Capítulo 2, pp. 45-62), avançando-se finalmente para o caso de

Sócrates e Platão, nos capítulos 3 a 6. Por último, os capítulos 7 e 8 centram-se em Aristóteles e, à parte da análise de alguns fragmentos de outras obras – tidas pelo A. (p. 217) como da fase inicial da carreira do Estagirita, portanto mais ligadas à filosofia platónica –, versam sobretudo sobre os capítulos 2 e 3 do *De Anima*.

O volume tem a vantagem de conciliar o rigor da análise científica com um estilo acessível a um público culto mais vasto que não exclusivamente o de estudiosos de filosofia antiga. São disso prova o pouco extenso número de notas de rodapé, a inclusão dos termos gregos transliterados e o carácter selectivo da bibliografia. Duas coisas entendemos que, não comprometendo a sua qualidade, constituem carências dignas de assinalar. Uma conclusão, por breve que fosse, que de algum modo retomasse o fio condutor e buscasse traçar a evolução do conceito – algo que fica patente da leitura dos capítulos, mas que saberia bem ao leitor ver retomado no final; e, não menos importante, um índice de termos gregos (em transliteração mesmo) e de passos antigos citados, que, a existir, tornaria o volume, em termos práticos, de mais fácil maneio e consulta.

CARLOS A. MARTINS DE JESUS

RODRIGUES, Nuno Simões, *Mitos e Lendas – Roma Antiga*, Lisboa, Livros e Livros, 2005, 351 p. ISBN: 972-791-151-X.

Ainda que em Prefácio o autor apresente o livro como “uma breve introdução a um tema cientificamente complexo e abrangente (...)” que “(...) não visa, por isso, um público especialista, como serão o filólogo e o historiador classicistas, mas todo aquele que, académico ou não, se interesse pelas coisas clássicas em geral, pelas de Roma, em particular”; este trabalho é-nos apresentado com o rigor característico da obra já publicada pelo Professor e investigador da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. O presente livro insere-se numa coleção cuja pretensão é levar ao grande público os Mitos e as Lendas de antigas sociedades e culturas, como sejam as culturas grega, celta e egípcia. Destaca-se pela forma como se faz interessante ao leitor mais leigo nestas matérias e ao mesmo tempo útil para o investigador que se dedique às várias disciplinas de estudo associáveis à cultura romana.

Introduzindo o conteúdo temático, Nuno S. Rodrigues aborda a definição de *mythos* e das formas que considera ser os principais veículos